

CAMINHOGRAFIAS URBANAS NOS CONFINS DA AMÉRICA DO SUL: experiências e resistências em Marabá

**GABRIELA DROPPA TRENTIN¹; EDUARDO DA SILVA E SILVA²; TAÍS
BELTRAME DOS SANTOS³; KRYSSIA GANTES SOARES⁴; EDUARDO ROCHA⁵**

¹*Universidade Federal de Pelotas – gd.trentin@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – duardsv@gmail.com*

³*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – tais.beltrame@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – kryss_soares@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – eduardo.rocha@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto “Caminhografias Urbanas nos Confins da América do Sul”, que busca reconhecer práticas e modos de existência de comunidades tradicionais que habitam margens de cidades médias, a partir da experiência em Pelotas (RS), Comodoro Rivadavia (Argentina) e Marabá (PA). A pesquisa parte do reconhecimento da centralidade das culturas de povos e comunidades tradicionais — como ribeirinhos, indígenas e pescadores artesanais — para afirmar a urgência de valorizar saberes historicamente marginalizados e romper com paradigmas coloniais. Financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o projeto propõe visibilizar práticas culturais, modos de vida e formas próprias de organização desses grupos, muitos deles localizados às margens de rios e corpos d’água. Em Pelotas, as ações são conduzidas pelos professores Eduardo Rocha, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, e Eduarda Gonçalves, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Em Marabá, as atividades são coordenadas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), enquanto em Comodoro Rivadavia a pesquisa é conduzida pela Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco (UNPSJB).

No caso de Marabá, foco deste trabalho, o estudo concentra-se às margens dos rios Tocantins e Itacaiúnas, cujas dinâmicas revelam a complexa relação entre vulnerabilidades e resistências. Para isso, utilizou-se a caminhografia urbana (caminhar e cartografar) como método de inserção no território, o que possibilitou observar a cidade a partir da experiência corporal. Essa prática favoreceu uma abordagem mais sensível, voltada ao reconhecimento dos contextos estudados. O conhecimento foi construído por meio das vivências em campo, registradas em anotações, imagens e conversas com as comunidades tradicionais, valorizando processos de diálogo e interação. O texto apresenta relatos de caminhografias realizadas em Marabá e outras localidades, destacando a experiência de pesquisadores e alunos da graduação em diferentes bairros e contextos, incluindo áreas urbanas, ribeirinhas e indígenas.

As caminhografias realizadas evidenciam adaptações arquitetônicas às cheias, como casas sobre pilotis, mas também expõem fragilidades relacionadas à falta de saneamento e à poluição dos rios. Mostram, ainda, os impactos de grandes empreendimentos e da expansão urbana, como no caso dos conjuntos habitacionais pouco adequados ao contexto amazônico.

Por outro lado, a pesquisa também evidencia práticas de resistência cultural e comunitária: a pesca artesanal, as festas religiosas ligadas ao rio, as sociabilidades nas praias urbanas e a territorialidade indígena expressa na

reconstrução de aldeias, na preservação de línguas e na busca por autossustentação. Essas experiências revelam como o espaço urbano de Marabá, marcado por contrastes e tensões, é também lugar de produção de identidades, memórias e alternativas de futuro. Essas experiências mostram como as comunidades lidam com as dificuldades do dia a dia, preservam tradições e constroem suas próprias formas de viver e se organizar.

2. METODOLOGIA

A caminhografia urbana foi adotada como metodologia de pesquisa, que compreende ações relacionadas ao espaço-tempo, como caminhar, cartografar, registrar, criar e jogar (ROCHA; SANTOS, 2023). Essas ações são parte da atuação das caminhógrafas, que acompanham diferentes grupos e comunidades em cidades e áreas urbanas, em atividades de ensino, pesquisa, extensão da e na vida cotidiana. A abordagem busca explorar o ambiente urbano a pé, em conjunto com o registro e mapeamento das experiências, unindo o ato de caminhar à criação de mapas ou registros sensíveis (ROCHA; DEL FIOL; SANTOS, 2024). A cartografia, de inspiração deleuze-guattariana, propõe a construção de um mapa aberto e conectável, distante do conceito tradicional de mapa fixo (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Já o caminhar é compreendido a partir do conceito de transurbânci, entendido como uma postura política diante do espaço urbano, um modo de (re)conhecer territórios atravessando fronteiras como público e privado, dentro e fora, interior e exterior (CARERI, 2014).

Assim, a caminhografia urbana busca mapear, desenhar, fotografar, filmar, narrar e conversar com a cidade na cidade. Considera os lugares como produtores de subjetividade na relação espaço–corpo, sempre em processo: caminhar se torna uma forma de explorar a cidade com o corpo atento, registrando afetos e experiências que provocam o pensamento. A partir de caminhadas, observação participante e conversas informais, a caminhografia permite captar não apenas a materialidade dos espaços, mas também os modos de vida, as estratégias de adaptação e as tensões políticas e sociais que estruturam o cotidiano. No caso de Marabá, a caminhografia se realizou tanto em áreas urbanas, quanto em territórios indígenas.

Para este trabalho, foram analisados os relatos produzidos pelos pesquisadores após a estadia em Marabá. Os relatos foram transcritos e, por meio da leitura e sistematização do material, foi possível reunir e interpretar as observações, servindo de base para a discussão dos resultados apresentados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os rios Tocantins e Itacaiúnas estruturaram a vida urbana de Marabá, especialmente na Velha Marabá. Até a construção da ponte nos anos 1980, a travessia e o transporte eram feitos quase exclusivamente por barcos, e a navegação ainda hoje segue central tanto para deslocamentos quanto para atividades econômicas. Essa relação próxima com os rios, no entanto, traz também desafios. As cheias recorrentes obrigam moradores a adaptar suas casas com pavimentos elevados ou estruturas provisórias.

A arquitetura ribeirinha, com casas sobre pilotis, é um exemplo de adaptação ao ambiente. Por outro lado, a ausência de saneamento básico amplia as vulnerabilidades. Nos flutuantes de lazer, por exemplo, os dejetos são despejados diretamente no rio, o que agrava a poluição. Ainda assim, as margens

permanecem como espaços centrais de convivência. A Praia do Tucunaré é um desses lugares de sociabilidade intensa, mesmo sob a preocupação com a contaminação da areia, associada tanto à mineração no rio Itacaiúnas quanto aos dejetos cloacais.

A pesca artesanal também segue estruturando o cotidiano. Na zona Z-30, pescadores locais mantêm suas práticas, mas enfrentam a concorrência de caminhões vindos de fora, carregados de peixe, o que reduz sua renda. Esse conflito expõe a tensão entre práticas tradicionais e pressões econômicas externas, mas reafirma o rio como espaço de vida, trabalho e identidade.

É importante mencionar que o espaço urbano de Marabá apresenta um desenho polinuclear, articulado pela rodovia Transamazônica. Essa configuração, associada às disputas de terra e à memória da Guerrilha do Araguaia nos anos 1970, reforça um caráter militarizado da cidade. A mobilidade é difícil, as vias rápidas e os acessos mal sinalizados funcionam como barreiras internas.

Nos bairros próximos ao encontro dos rios Tocantins e Itacaiúnas, o programa Minha Casa Minha Vida implantou conjuntos habitacionais pouco adaptados às condições amazônicas, em contraste com as soluções tradicionais ribeirinhas. As tipologias não consideram a dinâmica de cheias e secas, reforçando vulnerabilidades. Foi erguida uma estrutura de contenção, conhecida como pontal, para tentar evitar deslocamentos forçados durante as inundações anuais. No entanto, segundo relatos locais, os alagamentos continuam a ocorrer.

Apesar das dificuldades, as práticas culturais seguem vivas e centrais para a identidade da cidade. A romaria fluvial e a Festa do Divino Espírito Santo, realizadas no bairro Amapá, demonstram como a religiosidade popular se articula com os rios e fortalece laços comunitários. Essas celebrações, assim como a vida nas praias e margens, confirmam a persistência de espaços de resistência e pertencimento, fundamentais para a história e a diversidade de Marabá.

Nesse contexto mais amplo de relações com a água e de enfrentamento de pressões externas, ocorreu também uma visita à Terra Indígena Mãe Maria, no município Bom Jesus (PA), que revelou outro aspecto fundamental. O território é habitado pelo povo Gavião, dividido em três subgrupos: Parkatejê, Kyikatêjê e Akrâtikatêjê. O relato destaca a trajetória dos Akrâtikatêjê, deslocados de Tucuruí após a inundação provocada pela hidrelétrica, e o processo de reconstrução de suas aldeias e línguas. Hoje, cerca de 30 aldeias mantêm práticas culturais como o preparo tradicional do peixe e a transmissão de conhecimentos agrícolas e de saúde nas escolas indígenas.

A criação de um açude para piscicultura na Aldeia Akrâtikatêjê mostra a busca por autossustentação, combinando práticas tradicionais e novas estratégias de sobrevivência. Mas o território sofre pressões constantes: a rodovia que o corta, a presença da Vale e da Eletronorte e a proximidade com a cidade geram impactos ambientais e sociais. Embora haja dependência das compensações financeiras dessas empresas, surgem também iniciativas voltadas a reduzir essa dependência, como projetos comunitários e agrícolas. Assim, os povos indígenas reafirmam sua territorialidade, resistem culturalmente e constroem alternativas de futuro.

4. CONCLUSÕES

A análise das caminhografias em Marabá revela uma cidade marcada por contrastes. A falta de saneamento, a poluição dos rios, a implantação de

moradias pouco adaptadas ao ambiente amazônico e os impactos de grandes empreendimentos expõem vulnerabilidades estruturais. Ao mesmo tempo, práticas culturais, formas arquitetônicas ribeirinhas, a resistência indígena e as sociabilidades coletivas mostram a força de comunidades que reinventam cotidianamente suas formas de viver às margens urbanas.

Esses territórios, longe de serem periféricos, se colocam como centrais para compreender a complexidade urbana de Marabá. A caminhografia, ao acompanhar rios, bairros e aldeias, torna visíveis essas dinâmicas e permite refletir sobre como as populações locais lidam com fragilidades e, ao mesmo tempo, reafirmam resistências no contexto transamazônico da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos; DEL FIO, Paula Pedreira. Registrar, jogar e criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. **Revista GEARTE**, v. 11, 2024.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltramo dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. **Vitruvius**, v. 281, n. 281, 05, 2023.